

UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMA DE OCUPAÇÃO DO VALE DO RIO PARDO, RS POR GRUPO CAÇADOR-COLETOR: PADRÃO DE ASSENTAMENTO.¹

Marina Amanda Barth²

RESUMO

O estudo quantitativo e qualitativo da cultura material de um conjunto de 14 sítios arqueológicos da tradição Umbu, a céu aberto, serviu para mostrar seu padrão de assentamento desmistificando a ideia de que esta população caçadora-coletores acampava, de preferência, em abrigos rochosos. Localizados ao longo da rodovia RS153³, partindo da altitude de 100m, na Depressão Central, sobe a Encosta do Planalto e continua no Planalto a uma altitude de 400 m, oferece uma boa amostra para estudo do padrão de assentamento. No seu percurso a rodovia atravessa diversos ambientes, cada um com oferta de recursos diferenciados para uma população caçadora-coletores. O manejo da documentação⁴ e a análise do material possibilitou uma rica apresentação dos sítios, de sua implantação e do seu material; e o levantamento das disponibilidades ambientais, recolhido de outro pesquisador⁵, permitiu sua avaliação em termos de potencial de sustentação total e estacional e a distinção entre assentamentos da planície, da encosta e do planalto.

PALAVRAS-CHAVE

Padrão de Assentamento; Subsistência; Paisagem.

¹ Artigo elaborado a partir do subcapítulo - Padrão de Assentamento - da tese de doutorado “ A tradição Umbu no vale do Rio Pardo, RS” sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz

² Doutora (2019) pelo curso de Pós-Graduação em História com área de concentração em Estudos Históricos Latino-Americanos.

³ Denominada de RS471 no Projeto de Avaliação de Impacto Arqueológico submetido ao IPHAN pelo CEPA/UNISC sob a coordenação do arqueólogo Dr. Sergio Celio Klamt.

⁴ Registros das coletas controladas composta por croquis, plantas e classificação do material arqueológico.

⁵ Tese “Arqueologia do vale do rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil (1991) do Pedro Augusto Mentz Ribeiro.

INTRODUÇÃO

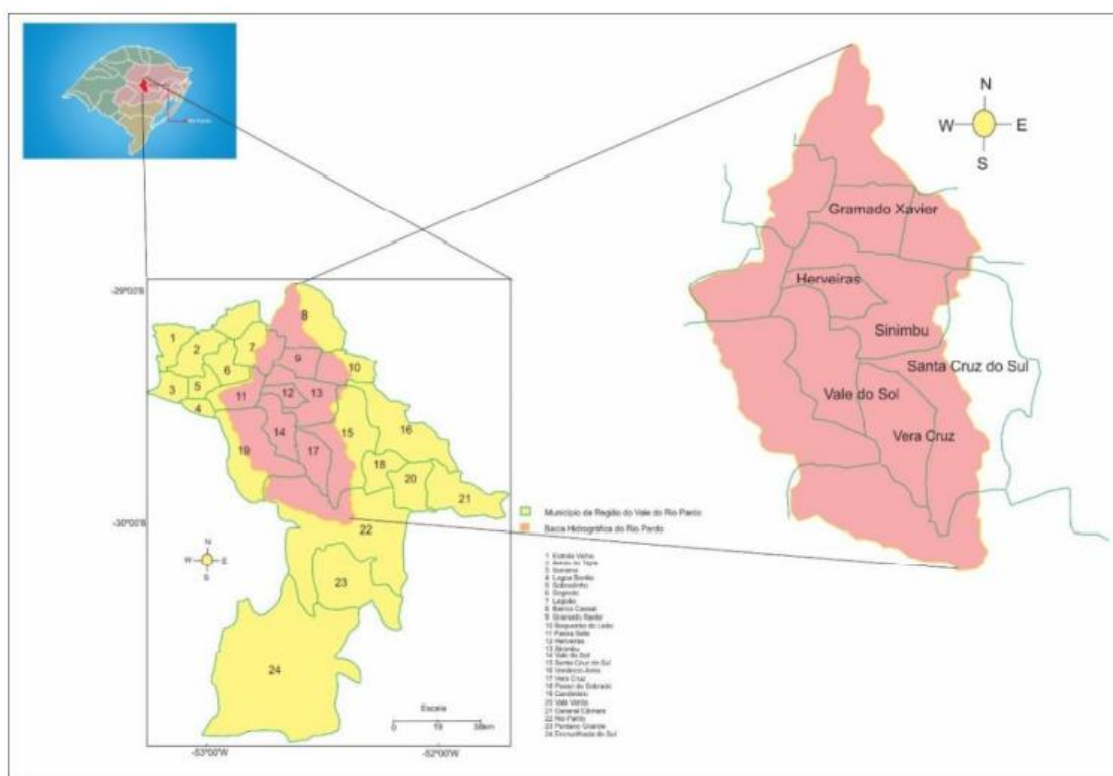
O propósito do estudo é compreender como um grupo caçador coletor vivia em sítios a céu aberto no vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul tendo como base para as inferências 14 sítios arqueológicos associados a esse grupo. Como pressuposto, utiliza-se o padrão de assentamento apresentado por Novasco (2018, p.12), com base em Winters (1969). Para aplicar o conceito de padrão de assentamento os sítios arqueológicos são analisados a partir de sua implantação no ambiente, dispersão do material e disponibilidade de recursos de subsistência.

A escolha do local para a instalação do grupo é condicionada a partir da relação que o caçador coletor estabelece com a paisagem e o ambiente.

A interação do homem e o ambiente pode ser compreendida através da domesticação da paisagem segundo Clement (2014) citado por Novasco (2018, p.14) “é um processo que tem início através de intervenções humanas involuntárias, mas que se tornam intencionais quando as populações permanecem em uma paisagem e começam a manipular seus componentes”. Entende-se que a apropriação da paisagem e dos recursos disponíveis para subsistência humana se reflete na cultura material presente nos sítios.

A forma como o homem se apropria da paisagem e do ambiente se conforma com a disponibilidade e hábitos de consumo e de recursos. A partir da relação que o caçador coletor estabelece com a paisagem e o ambiente condiciona se a ocupação foi ocasional, média ou intensiva.

Figura 1: Mapa com a localização da Bacia Hidrográfica do Rio Pardo no vale do rio Pardo e Municípios da área da pesquisa.



Fonte: Adaptado de Collischonn (2001, p.22).

PADRÃO DE ASSENTAMENTO

De acordo com Parsons (1972), os estudos de padrão de assentamento observam, basicamente, a relação geográfica e fisiográfica de um grupo contemporâneo de sítios de uma única cultura. Para estabelecer o padrão de assentamento do grupo caçador-coletor do vale do rio Pardo, utilizou-se a implantação dos sítios no ambiente, a dispersão do material e a disponibilidade de recursos de subsistência. A comparação das características dos sítios proporcionou a identificação de semelhanças entre os mesmos e estipular padrões de assentamento e, assim, a forma de ocupação do vale do Rio Pardo.

Para a análise, utilizou-se 14 sítios que servem como amostra para a pesquisa: 7 sítios (RS-RP:248, RS-RP:254, RS-RP: 258, RS-RP: 252, RS-RP: 259, RS-RP:257 e RS-RP:01) estão na Depressão Central, 3 sítios (RS-RP:249,

A localização em relação ao nível do mar é de 100m até 140m nos sítios da Depressão Central, 300m e 400m nos sítios da Encosta do Planalto e mais de 400m de nos sítios do Planalto.

A implantação no relevo varia entre coxilha, patamar de encosta e encosta propriamente dita. Na Depressão Central os sítios estão na primeira coxilha ou encosta seca, próxima do banhado ou várzea passível de inundação. Na Encosta do Planalto os sítios estão sobre coxilhas e patamar próximos ao banhado ou áreas úmidas.

No Planalto todos os sítios estão no patamar de encosta próximo a arroios. Os sítios da Depressão Central distam de 20m a 600m do arroio. Os sítios da Encosta do Planalto distam de 300m até 1900m do arroio, são os sítios mais distantes dos arroios. No Planalto os arroios estão mais próximos dos sítios de 10m até 1000m.

Com exceção do sítio RS-RP:01 que dista 250m do rio Pardinho os demais sítios estão distantes de 3000m até 8000m dos grandes rios Pardo e Pardinho.

Para os sítios da Depressão Central a distância do rio é equivalente à disponibilidade da várzea repleta de recursos para subsistência alimentar animal e vegetal. Para os sítios da Encosta do Planalto e do Planalto o acesso aos rios é dificultado pelos obstáculos naturais do relevo dos rios encaixados no vale e os sítios estão em regiões mais altas.

A disponibilidade de recursos hídricos significa acesso a recursos alimentares e a matéria prima. Apesar da distância, os sítios da Depressão Central possuem acesso facilitado aos rios e arroios devido ao ambiente geográfico.

Na matéria-prima observa-se que o arenito metaforizado é mais expressivo nos sítios da Depressão Central e diminui sensivelmente na Encosta do Planalto e no Planalto. O arenito se destaca na produção de artefatos. Somente no sítio RS-RP: 260 ele ocorre em menor quantidade.

O tamanho da área dos sítios está relacionado ao espaço disponível para a implantação, pois a quantidade de material arqueológico nos sítios não é proporcional ao tamanho da área. Sítios com pouco material como o RS-RP: 260 possui 11.700m² de área e apenas 14 fragmentos de lítico, enquanto o sítio RS-RP:01 com 4.000m² de área possui 19.616 fragmentos.

Para elaborar o padrão de assentamento observamos diferentes aspectos em relação aos sítios. Primeiro, a densidade do material em cada sítio, estabelecendo áreas de grande densidade, áreas de média densidade e áreas de pequena densidade resultando na classificação entre sítios pequenos (menos que 100 fragmentos), médios (mais de 100 e menos que 1000 fragmentos) e grandes (mais de 1.000 fragmentos).

Quanto à quantidade de material arqueológico verifica-se que sítios pequenos e médios estão presentes na Depressão Central, Encosta do Planalto e Planalto e os sítios grandes na Depressão Central.

Segundo, a forma de distribuição do material na área de cada sítio. Como resultado a classificação ocorre em:

Área de Produção Intensiva, que é sítio de produção intensa por ocupação durante período prolongado ou reocupação por períodos curtos. Os sítios apresentam em seu conjunto quantidade e variedade lítica expressiva.

Área de Produção Média, sítios com concentração de vestígios líticos em que a variedade de material arqueológico é equivalente ou semelhante aos sítios de Área de Produção Intensiva, mas em menor quantidade. Pode ser um primeiro acampamento familiar ainda sem reocupação.

Área de Produção Ocasional, sítios considerados como local em que o grupo acampou por curto período, a pequena quantidade de líticos e sua pouca variedade permitem deduzir a produção de peças novas ou de retoque de peças já em uso.

A partir destas categorias de distribuição nas áreas dos 14 sítios é possível compreender a ocupação dos mesmos e apresentar padrão de assentamento para o grupo caçador coletor na área de estudo.

Para chegar ao padrão de assentamento, compreendendo os elementos comuns e a diversidade, foi considerada a implantação do assentamento no relevo (coxilha, plataforma, encosta) e sua relação com o total dos recursos alimentares disponíveis, tanto em atividades diárias, circunscritas a um círculo de 5 km de raio, e mais prolongadas, dentro de um círculo de 10 km de raio, abrangendo os animais e as plantas úteis e também sua disponibilidade através das estações do ano. Esta manipulação ajudou a entender a diferença entre os sítios do vale, da encosta e do planalto, em termos de abundância total de

recursos e sua disponibilidade estacional na proximidade do assentamento. O resultado da correlação entre os sítios e seu ambiente foi a constatação de sítios de tamanhos diferentes no vale, na encosta e planalto.

Os coletores seriam característicos de ambientes em que os recursos são diversificados, ou especializados localmente, e o acampamento num deles não alcançaria os demais. Por isso o assentamento útil seria colocado num local médio, adequado para morar e, a partir dele, se fariam excursões para trazer ao acampamento os recursos dispersos. Os materiais conservados no assentamento central seriam ricos e diversificados, em conformidade com as variadas atividades desenvolvidas. Os sítios resultantes de eventuais pernoites fora do acampamento central nessas expedições seriam pequenos e de material especializado para a atividade desenvolvida.

CONCLUSÃO

Para elaborar o padrão de assentamento foi levado em consideração, a densidade do material no sítio, estabelecendo áreas de grande densidade, áreas de média densidade e áreas de pequena densidade.

Cada classe podendo formar um sítio por si ou estar agrupada com outras classes no mesmo espaço, formando um sítio médio ou grande. Disso resultaram sítios ou assentamentos pequenos, médios e grandes, simples com só um tipo de densidade, ou complexos com vários ou variados.

Supondo que o sítio médio seria o resultado de uma temporada de acampamento; o sítio grande uma ocupação repetida, ou com mais famílias; o sítio pequeno como complemento de um maior, ou o acampamento para apropriação de um recurso localizado, não comum, como a coleta da semente da araucária no outono, ou o fruto de jerivá e butiá no verão.

A presença no mesmo sítio de locais de grande, média e pequena densidade pode representar tanto reocupações ou o acampamento em separado de famílias do mesmo grupo.

BIBLIOGRAFIA

BINFORD, L. R. Willow smoke and dogs' tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity*, v. 45, n.1, 1980.

COLLISCHONN, Erika. O espaço natural na região do vale do Rio Pardo: Algumas considerações. In: VOGT, Olegário Paulo, SILVEIRA, Rogério Leandro Lima. Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001, p. 19-46.

DIAS, Adriana Schmidt. Repensando a Tradição Umbu a partir de um estudo de caso. 1994, 170f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.

FARIAS, Deise Scunderlick Eloy de. Distribuição e Padrão de Assentamento – Proposta para os Sítios da Tradição Umbu na Encosta de Santa Catarina. 2005. 364 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

HOELTZ, Sirlei Elaine. Tradição Umbu e Humaitá: releitura das indústrias líticas das fases Rio Pardo e Pinhal através de uma proposta alternativa de investigação. 1995, 187f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Manual Técnico da Vegetação Brasileira: Sistema fitogeográfico Inventário das formações florestais e campestres. Técnicas de manejo de coleções botânicas. Procedimentos para mapeamento. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63011.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018

LAMING-EMPERARE, Annette. Guia para estudo das indústrias líticas da América do Sul. Manuais de Arqueologia. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1967, v. 2, p. 155.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Arqueologia do vale do rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil. 1991, 654 f, Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1991

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Pré-história do vale do rio Pardo. A história dos primeiros habitantes. Santa Cruz do Sul: Livraria e Editora Unisc, 74 p., 1993

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. A arqueologia e Botânica. Caderno de Pesquisa Serie Botânica. Santa Cruz do Sul: livraria e Editora Unisc, V.5, n.1, p.37-56, 1993 b.

KLAMT, Sérgio Célio. A ocupação pré-colonial no Vale do Rio Pardo, RS. In: VOGT, Olgário Paulo; SILVEIRA, Rogerio Leandro Lima da (org). Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 20-47, 2001.

KLAMT, Sergio Celio, EFFER, Mateus Josué de Lima, MACHADO, Ademir José, TEIXEIRA, Enara, ROEHLER, Fabiano. Programa de acompanhamento e salvamento arqueológico na RS/471 – trecho Santa Cruz do Sul – Barros Cassal e Lote II da RS/481, Salto do Jacuí – Cruz Alta, RS. Revista do CEPA. Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 35/36, p. 222, jan./dez.2002.

KLAMT, Sergio Celio. Programa de Salvamento e Levantamento Arqueológico na rodovia RS/471 trecho Santa Cruz do Sul-Barros Cassal e Lote II da RS/481, Salto do Jacuí, RS. Relatório fina de atividades. Santa Cruz do Sul, 2009.

KLAMT, Sergio Celio. Programa de Salvamento e Levantamento Arqueológico na rodovia RS/471 trecho Santa Cruz do Sul-Barros Cassal e Lote II da RS/481, Salto do Jacuí, RS. Relatório fina de atividades. Santa Cruz do Sul, 2009.

NOVASCO, Raul Viana. Arqueologia e estudo paleambiental no planalto de Santa Catarina. 2018, 209f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018.

PARSONS, J. Archaeological settlement patterns. *Annual Review of Anthropology*, n. 1, p. 127-150, 1972.